

Trisha Brown, tributo à grande dama da dança

Turnê mundial de encerramento da sua cia. mostra quatro criações da coreógrafa americana em São Paulo

Helena Katz
ESPECIAL PARA O ESTADO

Legítima representante do período mais rico da dança contemporânea norte-americana (os anos 1970, em Y), Trisha Brown transformou-se em uma marca. Inventou um jeito de dançar e de ensinar essa dança, com o qual criou mais de 100 coreografias. De hoje a domingo, no Teatro Alfa, serão mostradas 4 delas: *Foray Forêt* (1990) tem cenário de

Robert Rauschenberg e iluminação dele e de Spencer Brown; *Les Yeux et l'Âme* (2011), com luz de Jennifer Tipton, música do *Pygmalion*, de Jean-Philippe Rameau, e cenários da própria Trisha, que também desenvolveu uma carreira de sucesso como artista visual; *Watermotor* (1978); e *Set and Reset* (1983), cujo aniversário de 30 anos a companhia ce-

lebra nesta turnê, tem música de Laurie Anderson (*Long Time No See*), cenário e figurino de Rauschenberg, luz dele e de Beverly Emmons, e foi dançada aqui em 1994, quando a cia se apresentou pela primeira vez no Brasil.

Além de oferecer um panorama das quatro décadas que cada uma delas representa, esse programa funciona também como uma despedida, pois a companhia desaparecerá no próximo ano. A exemplo do que Merce Cunningham fez, preocupado com o que sucederia com o seu legado depois que não mais pudesse zelar por ele, também a Trisha Brown Dance Company não seguirá sem o comando daquela que lhe faz existir, pois, aos 76 anos, Trisha, no momento, está muito doente.

Ela nunca trabalhou com o conceito de representação teatral e sempre lidou com o espaço

de um jeito muito autoral, desenhando-o. Criou um jeito próprio de juntar os corpos que dançam, as ações que eles fazem e os materiais que estão em cena. Olhando distraidamente, parece um tanto aleatório, mas é tudo milimetricamente planejado.

No livro que escreveu sobre Trisha Brown (2012), a coreógrafa mineira Adriana Banana propõe a sua dança como fruto de um trishapensamento. Nos diz que é do fato de ela haver começado criando para espaços externos da cidade que tudo vai surgir pois, quando começa a coreografar para a caixa cênica, não abandona a lógica de composição com que vinha produzindo até *Glacial Decoy* (1979), seu primeiro trabalho para teatro.

Banana se refere ao tempo em que a companhia, fundada em 1970, se apresentava nos telhados de um SoHo ainda periférica em Nova York e nada glamourizado (*Roof Piece*, 1973), descen-



DIVULGAÇÃO

'Les Yeux et l'Âme'. Magia e mistério no espetáculo de 2011 com cenários de Trisha Brown

do pelas fachadas de seus prédios abandonados (*Walking Down the Side of a Building*, 1971) com peças que usavam cordas, andaimes, plataformas e roldanas. Estudiosos de Trisha Brown chamam esse conjunto de produções de equipment pieces, peças equipamentos.

Depois dele, apareceram as criações que partiam das acumulações matemáticas (o primeiro *Accumulation*, 1971, durava quatro minutos e usava uma canção do grupo Grateful Dead, e o segundo, em 1972, acontecia em um silêncio de 55 minutos). Se-

guiram-se as estruturas moleculares estáveis, que desaguarão no período das coreografias formalizadas, que depois buscaram estruturas mais simples. *Line up* (1976-77), inicialmente uma coreografia, acabou identificando o que Banana nomeia de 'trishapensamento': uma lógica da não previsibilidade, que chamou de meteorológica.

No momento em que prepara seu encerramento, a companhia se dedica a programas educacionais, constituídos por workshops, cursos intensivos e master classes (aulas magnas)

da técnica e dos processos compositivos de Trisha Brown, e também por reconstruções de obras que há muito tempo não são dançadas. A próxima será *Son of Gone Fishin'* (1981), prevista para estrear em abril no New York Live Arts, em Nova York.

TRISHA BROWN DANCE COMPANY

Teatro Alfa. Sala A. R. Bento Branco de Andrade Filho, 722, 5693-4000. 6ª, 21h30; sáb., 21 h; dom., 18 h. R\$ 20/ R\$ 170.